

A ZUL DE DELFT

J O S É
J O R G E
L E T R I A



CRONOS / TEATRO
centro cultural do alto minho

EDIÇÃO PATROCINADA PELA
CÂMARA MUNICIPAL DE VIANA



FICHA TÉCNICA

Título	AZUL DE DELFT
Autor	JOSÉ JORGE LETRIA
Capa	TIAGO MANUEL
Composição	DEGRAFIS
Impressão	CENTRO GRÁFICO V. P. ÂNCORA
Depósito Legal	65164/93
ISBN	972 - 9467 - 04 - 8

AZUL DE DELFT

de
José Jorge Letria

Um Acto em Cinco Quadros

Personagens:

Manuel
Cristóvão
Emília de Nassau
Maurício de Nassau
Emissário
Pregoeiro
Jan Van Heurne

Manuel e Cristóvão, filhos de D. António Prior do Crato, rei efémero de Portugal, encontram-se na cidade de Haia, num modesto aposento, dois anos após a morte de seu pai num hotel parisiense. Discutem a sua sorte de exilados na corte de Maurício de Nassau. Alimentam o sonho do regresso à pátria ocupada pelas tropas de Filipe II, mas não dispõem de meios materiais para arregimentar um exército que se bata pela sua causa.

Manuel:

Vão dois anos volvidos desde que nosso pai morreu num catre daquele pobre hotel, na cidade de Paris, com a amargura imensa de ver o seu trono usurpado e ainda não me saíram dos ouvidos os salmos penitenciais que murmurava quase à beira de se finar.

Cristóvão:

Foi um bravo homem no modo como quis defender os seus direitos e os das suas gentes contra as armas dos Filipes. Deixou-nos como herança este desejo de restituir a nossa pátria às cores de Portugal. Mas agora que há-de ser de nós que estamos tão sós e desamparados nesta terra onde até a fala é estranha e agreste, incapaz de acolher as sonoridades doces da nossa língua tão distante?

Manuel:

Aqui sabemos que podemos contar com a amizade de Maurício de Nassau, homem sensível às nossas penas e às nossas mágoas. Depois da morte de seu pai, o Taciturno, vítima dos esbirros de Filipe II, é nosso aliado fiel no combate que temos que travar contra o usurpador castelhano. Ele mesmo me disse que te quer, meu irmão, como cadete no seu exército e que te reserva para mais tarde uma missão diplomática importante.

Cristóvão:

Que missão?

Manuel:

Será ainda cedo para to dizer, mas creio que a irás desempenhar junto da corte do sultão de Marrocos, onde muitas decisões são tomadas com directa influência nos assuntos deste Estado que agora nos acolhe como exilados e homens de honra.

Cristóvão:

Não me temo da viagem nem das andanças pelo mundo, que o mundo pode ser uma grande casa, assim o saibamos descobrir e morar nele. Somente me custa não saber ao certo o que se espera de mim e dos meus humildes préstimos como soldado ou diplomata.

Manuel:

A seu tempo o irás saber, que muito estreitos irão ser, nos meses que se avizinham, os nossos contactos com a família de Maurício de Nassau.

Cristóvão:

Sei que nos últimos dias te têm visto, meu irmão, em Scheveningen na companhia de Emília de Nassau, havendo mesmo quem diga que andam tomados de amor um pelo outro.

Manuel:

Emília é uma mulher jovem e bela que sabe apreciar as coisas boas que a vida tem para nos dar. Gosto de passear com ela nos parques frondosos de Scheveningen, elegendo como temas de conversa a pintura e a dança, a música e o sonho. Mesmo não dominando ainda o seu idioma, gosto de seguir os raciocínios que faz, o modo como fala das flores desta terra, da atracção que sente pelo mar e pelas estrelas, pelo ofício dos astrónomos e dos alquimistas, que

muitos hã aqui fugidos à Inquisição. Falamos de tanta coisa que eu esqueço-me do tempo, e ela também, e ficamos a olhar-nos demoradamente como se os ventos do destino soprassem a nosso favor, como se o mundo girasse nas nossas mãos exaustas dos acenos das despedidas. Gosto de ver os vestidos ornados com rendas de Malines e os seus dedos desenhando no ar pássaros e corolas. Amamo-nos, é verdade meu irmão, e temo pelo modo como Maurício de Nassau irá receber a notícia de que desejamos ligar para sempre as nossas vidas, contra ventos e marés. Chegado a esta idade, depois de já ter andado por tanto mundo e de ter sofrido derrotas e desaires, sei bem o que quero e para onde vou. Amo Emília de Nassau e não o esconderei por muito mais tempo.

Cristóvão:

Mas é mais que certo, Manuel, que Maurício de Nassau não te há-de querer como pretendente à mão de sua irmã. Embora sejamos filhos de um rei efêmero, com o trono usurpado, nada temos de nosso. A nossa herança foi um sonho de poder, um ceptro hipotecado, mil jóias dadas como penhor de armas e milícias. Nada mais temos para além disso. Só o sonho de um império que se esboroou à frente dos nossos olhos. As saudades que temos do nosso pai são gémeas das que sentimos do fio irregular das nossas costas marítimas, do cheiro do pão de milho, do alecrim e das violetas. Como herança temos o sonho de uma pátria que deixou de nos pertencer, que nos foi roubada e usurpada, de uma terra que hoje se verga, em medrosas reverências, à passagem dos homens de Filipe II. E nós o que somos? Eu um pobre cadete de um exército estrangeiro e tu um nobre condenado a ter de ocultar os seus amores atrás do arvoredo dos parques de Scheveningen. Eis o que somos: dois tristes exilados a quem se concede, em nome de uma frágil aliança, tecto e agasalho até que as conveniências do Estado venham um dia ditar outras leis.

Manuel:

Não gosto de te ver assim vencido por um tão fundo desalento. Exílio não é derrota. Será, quando muito, um tempo intermédio, um lugar de passagem que nos conduzirá a dias melhores. Disso podes ficar certo. Por mim, não te abandonarei ao desconsolo em que estás, à tristeza em que ficas. É certo que Maurício de Nassau não vê em mim o partido ideal para sua irmã Emília, mas não é menos certo que a nossa determinação se mostra inabalável. O nosso destino será o que nós quisermos que seja. Tu dizes, Cristóvão, que herdámos um sonho e um império usurpado, mas eu respondo-te que herdámos o dever de o trazer de novo para as mãos que garantam a sua legítima posse. Vivemos um tempo de amargura e incerteza em que se perfilam no horizonte